

Há projectos muito bons mas também temos os maus

Semanário Angolense
De 18 de Set. de 2010

Semanário Angolense (SA) *Chegou mais uma época chuvosa e com ela as suas consequências, tais como cheias, mortes, destruição, gente desalojada, etc., problemas que se vêm repetindo ano após ano. Angola, em geral, e Luanda, em particular, estão preparados para novas enxurradas?* Ângela Mingas (AM) - Ainda não, mas o que vejo, permite-me dizer que o processo de reabilitação de algumas cidades de Angola já começou o que é muito bom sinal. O que enquanto cidadãos temos que saber é que processos dessa natureza não são de resolução imediata. SA - *No caso específico de Luanda, na sua abalizada opinião, o que acha que, em termos arquitectónicos, deve ser feito para que Luanda e o país deixem de sofrer os fiasgelos que se têm estado a registar nas épocas de chuva?* AM - Planificar estrategicamente a descentralização das cidades. Tanto no campo endomórfico como no exomórfico. No endomórfico, baixar os indicadores Demográficos e os coeficientes de afectação dos solos, criando possibilidades de intervenções a posteriori, e no campo exomórfico, permitir mobilidade entre novas urbanidades que permitam a conectividade e desenvolvimento as regiões periféricas e aos centros. Uma espécie de ideia de cidade jardim que é um conceito utópico, mas em alguns casos conseguidos. SA - *Concorda que uma das soluções seria a requalificação dos subúrbios de Luanda e do país, em geral?* AM - Depende. Em Arquitectura e Urbanismo, cada caso

é um caso. E como esclarecimento, a requalificação não é o único conceito de intervenção arquitectónico ou urbanístico, existe a Reabilitação, a Recuperação entre outras. SA - *O crescimento da cidade de Luanda está a ser bem ordenado em termos arquitectónicos?* AM - A intervenção em cidades passa por duas etapas que de forma resumida, que são a Planificação Estratégica e Urbanística. Neste momento só conheço a estratégica. De uma maneira geral estou de acordo, os princípios são francamente positivistas. Quanto à Urbanística, a que conheço ainda é muito alvejada, como as novas polaridades urbanas da Comuna da Camama, Funda, etc. Tenho que compreender melhor esta intenção de projecto, pois para um problema (neste caso, intenção) podem existir milhares de soluções. Como o que interessa é “resolver os problemas do povo” prefiro que respostas dessa natureza sejam consequência de debate entre pares. SA - *Não acha que devia haver maior empenhamento do Governo para que os problemas subjacentes às chuvas fossem ultrapassados?* AM - Não sei se a questão passa pelo empenhamento. Não acredito francamente que se possa solucionar os inúmeros problemas de Luanda de um dia para o outro (permitam-me assumir Luanda como caso de excepção, já que ela representa cerca de 1/3 da população do país). A máca é que a política só se sacia com urgência. Neste caso, só mesmo com muita paciência. SA - *Uma apreciação sua à qualidade das obras públicas: estradas, esgotos, edifícios, passeios, etc.* AM - As obras, o meu polegar para cima. Aos projectos, temos de tudo; projectos muito bons como os de reabilitação de estradas

do sistema fundamental, bons os de desenvolvimento rural, maus, os de planeamento de arborização das cidades e muito maus os de espaços públicos de lazer em áreas de restrição como Sistema Viário. Como comentário final, acredito que o facto de neste momento ser pertinente falar de cidade é porque enquanto cidadãos estamos a ganhar consciência de que ela nos pertence como herança comum. Por essa razão, deixo dois apelos à comunidade: primeiro que se proteja o património da cidade para que possamos ter uma identidade formal historicamente ancorada e segundo, se tivermos que pedir algo enquanto cidadãos que sejam espaços livres, parques, lugares onde nos possamos deitar na relva, olhar para o céu e descansar a ouvir a natureza... Cidade, também é isso.